

IMAGENS ANTISSEMITAS: DO III REICH AO IRÃ.

Silvia Rosa Nossek Lerner

A charge é um estilo de ilustração que tem por finalidade satirizar, por meio de uma caricatura, algum acontecimento atual com um ou mais personagens envolvidos. A charge, entretanto, se desprende da função de apenas ilustrar o cotidiano. Com uma síntese dos acontecimentos filtrados pelo olhar de seus produtores e a utilização de recursos visuais e linguísticos, a charge transforma a intenção artística, nem sempre objetivando o riso - embora o tenha como atrativo - em uma prática política, como uma forma de resistência ou apoio aos acontecimentos.

É uma manifestação crítica da sociedade, tanto político quanto social, geralmente contestadora e reflexiva, que necessita da boa informação do espectador para ser bem compreendida. A charge tem uma certa vida útil, isto é, como sempre se refere a um assunto vigente, quando o fato que a gerou é esquecido ela perde a sua força. Porém, há assuntos que podem alimentar uma charge em todas as épocas, tipo injustiça social, miséria, preconceito. É o desenho de um personagem da vida real, tal como políticos e artistas e que enfatiza e exagera as características da pessoa(de uma forma humorística), assim como em algumas circunstâncias acentua gestos, vícios e hábitos particulares do que se deseja caricaturar.

A caricatura é a filha do expressionismo, onde o artista desvenda as impressões que a índole e a alma deixaram na face, predominando os valores emocionais sobre os intelectuais. Deforma-se a figura, para ressaltar a idéia. Teve sua maior expressão na Alemanha entre 1905 e 1930, quando os artistas estavam mais interessados na interiorização da criação artística do que em sua exteriorização, projetando na obra de arte uma reflexão individual e subjetiva. É a reprodução gráfica de uma pessoa, animal ou coisa, de uma cena ou episódio, exagerando-se certos aspectos com intenção satírica, burlesca ou crítica.

Herman Lima, em sua "História da Caricatura no Brasil", usa os termos caricatura e charge para se referir basicamente às mesmas coisas: "É que a caricatura não é somente, como entendiam os italianos que lhe lançaram na moda na era do Renascimento, o "ritrato ridicolo di cui siansi esagerati i defetti". É ainda, até de preferência (...), a arte de caracterizar".

Não admira que, nos regimes autoritários, toda vez que a manifestação do pensamento se vê cerceada ou suprimida, caiba papel de destaque aos caricaturistas e/ou chargistas.

Em 1857, Charles-Pierre Baudelaire (1821 — 1867) escrevia sobre a caricatura: "Por ela, o povo podia falar ao povo", pois ela transcende o individual, para particularizar o coletivo de uma época ou de um povo.

A Propaganda Nazista consistia numa promoção sistemática de idéias e práticas do nacional-socialismo, com o fim de difundir e defender seus princípios e projetos. Os nazistas são considerados os propagandistas mais sofisticados e inovadores da História. Antes de chegar ao poder na Alemanha, utilizaram a propaganda para atrair a atenção da opinião pública e obter o apoio do povo alemão, criando e difundindo o mito da infalibilidade e do dinamismo de Adolf Hitler. Quando o Partido Nazista assume o governo em janeiro de 1933, a propaganda nazista foi utilizada para reforçar o controle que Hitler exercia sobre a Alemanha e assegurar seu poder sobre a opinião pública. Fez uso em abundância das charges para denegrir a imagem do judeu, dando-lhe características grotescas, deselegantes e imundas, justificando dessa forma o mito do ariano como núcleo da supremacia racial.

No livro *Mein Kampf*, Hitler explicava que a propaganda não se dirige a intelectuais, porque como não é lógica, racional, nem científica, não teria efeito sobre eles. E assinalava que a propaganda se dirige a massas populares que não questionam, não captam o lógico e o

intelectual, e que podem ser convencidas manipulando suas emoções. Hitler ainda dizia que as massas não tem inteligência e se esquecem com facilidade ou seja não tem memória. A chave da propaganda era repetir a mesma noção várias vezes até que sejam compreendidas e gravadas na sua mente, mesmo para aqueles com pouca capacidade. Hitler estava convencido de que a única maneira de convencer era manter uma propaganda simplista e criar uma ilusão de que o povo alemão tinha um único inimigo: os judeus.

Para dar força a esse pensamento, o Partido Nazista fazia uso do jornal *Der Sturmer*. Este era um semanário nazista publicado por *Julius Streicher* de 1923 até o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, com breves interrupções de circulação devido a dificuldades legais. Foi parte significativa da máquina de propaganda nazista e era veementemente antissemita. Diferentemente do *Volkischer Beobachter*, o jornal oficial do partido que dava a si mesmo uma aparência extremamente séria. *Der Sturmer* fazia o estilo tablóide e frequentemente publicava material como caricaturas antissemitas e acusações de cunho panfletário contra os judeus. E tinha como objetivo conquistar o público da classe baixa.



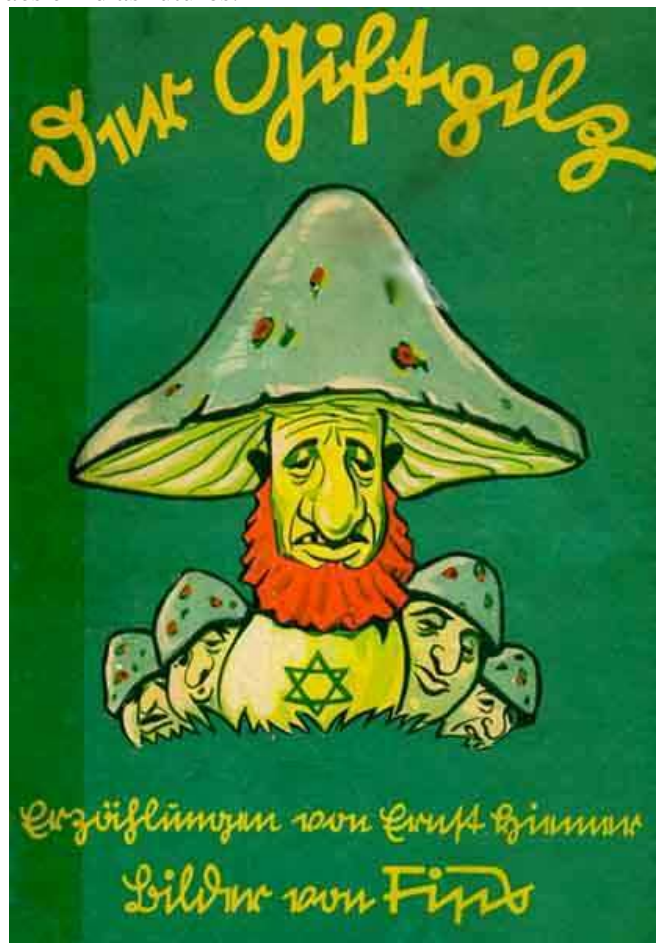
Fevereiro de 1930 – caricatura do Jornal *Der Sturmer* sugerindo que os judeus "enredam" a vida econômica dos alemães e os compara a criaturas desumanas e indesejáveis.

Der Sturmer ainda continha artigos hostis de estilo infantil descrevendo os judeus como seres inferiores, pervertidos sexuais com caricaturas que sempre os mostravam disformes, com narizes grandes, orelhas e lábios enormes, promovendo o ódio em torno dos judeus mediante a distorção e a zombaria.

Depois da Guerra, *Julius Streicher* foi julgado pelo Tribunal de Nuremberg por crimes contra a Humanidade por seu papel no incitamento de alemães no extermínio de judeus. Sua atividade editorial representou a parte principal das evidências apresentadas contra ele.

Joseph Goebbels , Ministro de Propaganda do III Reich , definiu a idéia principal da máquina propagandística nazista ao afirmar que “ a grande massa humana , na simplicidade de suas emoções, é convencida mais facilmente através de uma grande mentira do que por uma pequena mentira.” Julius Streicher, além de editor dos jornais antisemitas da Alemanha Nazista, também foi o responsável pela publicação das cartilhas educativas usadas pela Juventude Hitlerista e pelo livro escolar infantil *Der Giftpilz*(O Cogumelo Venenoso). Este livro infantil foi adotado nas escolas alemãs desde sua publicação em 1938, com o apoio de Joseph Goebbels. Escrito por Ernst Ludwig Hiemer e ilustrado pelo cartunista/caricaturista alemão Fips (pseudônimo de Philipp Rupprecht) , como parte da propaganda antisemita e um dos melhores exemplos de como a charge influenciou a população alemã. Nesse livro médicos, professores, advogados judeus e outros eram retratados e descritos como vilões se escondendo sob a máscara de pessoas boas. O teor altamente racista do livro pode ser avaliado pelo trecho abaixo , quando Inge(uma autêntica menina alemã) tem que ir ao médico judeu, pois sua mãe diz que “médicos judeus são muito bons”.

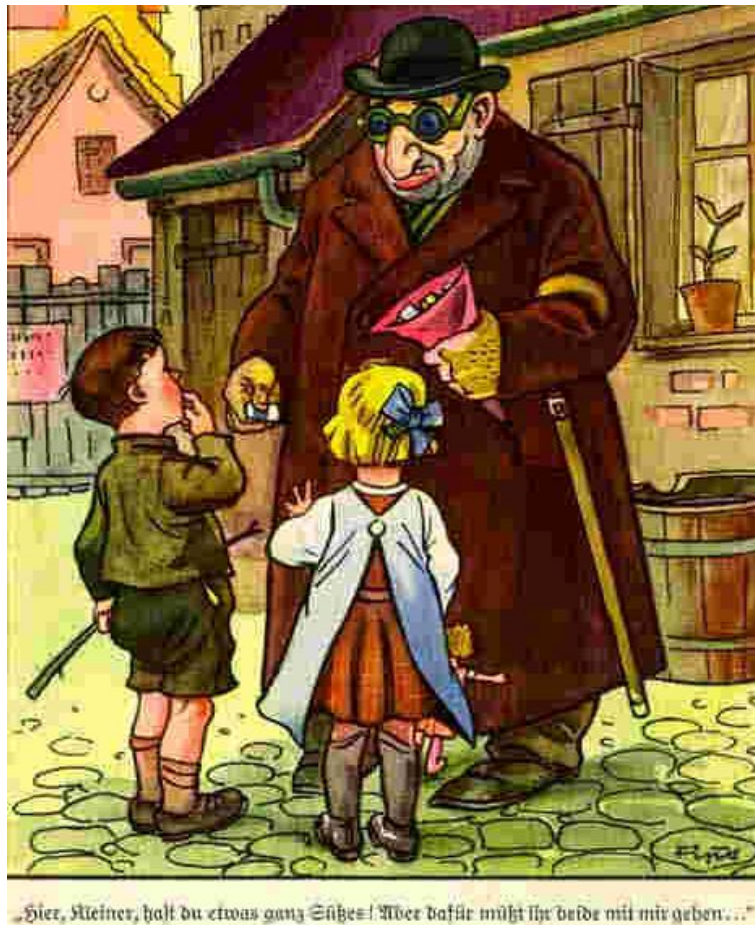
“O Diabo, foi ele
Que mandou o judeu-médico para a Alemanha.
Como um diabo, ele contamina
A mulher alemã, a honra da Alemanha.
O povo alemão, ele não será são
A menos que muito em breve o caminho seja encontrado
Para cura germânica, meios alemães,
Para médicos alemães em dias futuros.”



Capa do Livro *Der Giftpilz*

Os nazistas souberam fazer da caricatura uma propaganda para atingir as

massas, pois esta tem o poder de agilizar a mensagem facilitando a sua compreensão em todos os níveis sociais, independente do gênero e da idade. No livro *Der Giftpilz*, para os pobres o judeu era apresentado como o homem capitalista, gordo, rico e sempre cobrando alguma dívida, além de representar outro perigo pois ele rapta e come criancinhas. Para o lavrador ele assume a forma de um cogumelo venenoso que, ao lado do cogumelo bom, arrasa as plantações trazendo a miséria para o campo. Para as mulheres é um pevertido sexual e estruprador, enquanto que para os trabalhadores assume ora a figura do patrão capitalista ora o do monstro comunista.



Não aceite nada de um Judeu



Crianças alemãs lendo o livro *Der Giftpilz*

As Charges e a Internet

A constante evolução tecnológica experimentada pelo homem tem provocado mudanças em seu comportamento e relacionamento, uma vez que cria contatos menos complexos e alternativas mais acessíveis. O homem avança e transforma o presente e o futuro, num constante processo evolutivo, sem que haja a simples substituição de uma técnica por outra, mas um “deslocamento de centros de gravidade”. Dessa forma o movimento no campo da comunicação passou da oralidade para a escrita, da escrita para a imprensa, desta para o rádio, para a televisão até chegar à informática, era na qual somos os manipulados e os manipuladores. O aperfeiçoamento dos meios de veicular a informação foram criados pela necessidade de o homem se comunicar, apesar de a História mostrar que esses meios nem sempre foram usados para o bem estar e a convivência pacífica entre os mesmos.

Marshal MacLuhan, na década de 80 dizia que “em um mundo comprimido pelas redes eletrônicas de informação,... não há a preocupação com o que se informa; a estes meios basta, tão somente se comunicar”. Mas, no século XXI, sabemos que não basta somente comunicar, mas o que vai se comunicar.

Com a evolução dos meios de comunicação mediáticos, no final do século XX, ocorre o agrupamento de todas as tecnologias anteriores. Surge uma tecnologia mais eficaz, que oferece todas as possibilidades já exploradas na imprensa, no rádio, na televisão, operando uma ultrapassagem: a possibilidade de interação e a velocidade com que tudo ocorre. O indivíduo não fica somente no papel de receptor passivo, há a possibilidade de escolha, há decisões que poder ser tomadas. O volume de informações emitidas é maior, bem como a velocidade com que chegam aos lares, oportunizando-se situações que as tecnologias anteriores não possibilitavam.

Como a Internet é conceptualizada como um novo meio de massa, o que se torna claro é que nem massa nem meio podem ser precisamente definidos para todas situações, mas, pelo contrário, devem ser continuamente rearticulados dependendo da situação.

A Internet chegou ao Brasil em 1988 e desde a sua criação, o dilema da liberdade de expressão e o acesso à informação ilimitada, não regulamentada, sem censura tem sido o tema de debates públicos. A falta de regulamentação e de controle permite o uso deste meio para manipular seus usuários, especialmente os mais jovens, que carecem das ferramentas para o discernimento entre informações fidedignas e confiáveis e o material incitador à violência. A supervisão governamental pode criar problemas porque os padrões de legalidade diferem de um país para outro: isto complica quaisquer tentativas de fazer vigorar leis nos estados onde existam os sites. Porém, quando um país supervisiona os sites mediante uma legislação, se torna mais difícil para os grupos extremistas propagarem suas idéias e distribuir material abertamente incitador.

Hoje em dia a Internet desempenha um papel fundamental na nossa sociedade contemporânea, podendo servir como um meio de comunicação, grande fonte de informação (a maior do mundo), meio de entretenimento e veículo de propaganda.

E coube a Internet espalhar novamente a idéia da “demonização” dos judeus. Os países árabes aprovam e confirmam isso. Em 2005, a mesquita de El Tawheed em Amsterdam foi obrigada a excluir várias afirmações de seu site, como “os judeus possuem uma indústria de armas e, são eles que fazem as guerras”. Vale notar que o presidente desta mesquita é o presidente da escola elementar islâmica da região.

Imagens pró-Palestina exibem bandeiras equiparando a Estrela de David à suástica, sionismo ao nazismo e Ariel Sharon (ex- Primeiro-Ministro de Israel) a Hitler. Quando se equipara os soldados israelis aos nazistas, nega-se o que os soldados israelis são ou o que os nazistas foram.



Do Jornal Arab News de 10 de abril de 2002

O antissemitismo está no mundo virtual. O que acontece é a propagação das idéias de forma mais ampla e incontrolada, podendo assim trazer novos “adeptos” no mundo real. O crescimento de um está diretamente ligado ao crescimento do outro. Esse mundo virtual pode levar o homem a interiorizar a mensagem de forma positiva ou negativa. O número de sites que expressam ódio religioso, preconceito e racismo aumentou dramaticamente desde o início de 2005. É difícil estimar o número de visitantes a estes sites e também não podemos avaliar quantos desses visitantes os tomam a sério; não obstante, os especialistas que examinaram o assunto argumentam que o antissemitismo na Internet está crescendo a olhos vistos.

O Centro Simon Wiesenthal que conduz uma pesquisa anual de acompanhamento dos sites sobre o Holocausto, encontrou cerca de 4 mil sites incitando à violência ou espalhando idéias antissemitas. Páginas de ódio aparecem sob várias formas e estilos, desde sites encorajando a conversão ao islamismo e a violência através das vantagens de se tornar homens-bomba até a cooperação entre sites neo-nazistas. Alguns jornais muçulmanos e árabes e sites na Web têm aumentado suas publicações de caricaturas antissemitas e antisraelenses.

O mundo virtual provê uma plataforma para grupos marginais e organismos racistas que possibilita a difusão de idéias com o mínimo de interferência. As acusações clássicas foram reforçadas por acusações de massacre de Palestinos por Israelis, acusação de que os judeus são responsáveis indiretos pelos atentados terroristas às Torres Gêmeas de NY, de que o Holocausto nunca existiu e até a influência israelense se cogitou no assassinato do brasileiro Jean Charles Meneses em Londres, em 2006. A grande dificuldade na investigação desses crimes é o anonimato e a inexistência de legislação específica para a Internet.

Segundo Alfredo Veiga -Neto (professor de Educação da UFRGS) a Internet pode ser entendida como uma instituição identificada como uma maquinaria educacional, e “não é difícil constatar que ela está produzindo em termos de ressignificação do espaço e do tempo, seja aproximando seus cada vez mais numerosos usuários, seja tornando mais voláteis nossas relações com os outros, seja estimulando o descarte e a transitoriedade, seja nos saturando de informações tanto relevantes como sem relevância alguma”.

A complexidade e a rapidez com que essas informações se expandem obriga organizações judaicas a serem mais enérgicas e inventivas no seu confronto, e mobilizar cada vez mais todas as forças disponíveis.

A Internet funciona como um sujeito livre do poder cerceador e censurador, num território geográfico cada vez mais amplo, capaz de enunciar qualquer conceito, corromper

qualquer mente e denegrir qualquer imagem quer seja pública ou privada, no anonimato, onde seu criador anda livre e impune a qualquer tipo de penalidade.

Essas imagens que circulam livremente, sem “lenço nem documento”, sem patrão ou padrinho, sem cor e nacionalidade pode ter a curto prazo efeito maléfico levando o “internauta” a visualizar e compactuar com idéias que tantas tragédias causaram.

Atualmente, o Hamas produz sua própria versão de cultura. Essa cultura é representada pelas charges da cartunista Omayya Joha, que aparecem em muitos jornais e revistas árabes. Nascida em 1972, primeira mulher muçulmana a fazer caricaturas num jornal da Palestina e do mundo árabe. Mora em Gaza e trabalha para o jornal oficial da Autoridade Palestina e para o Jornal Al-Quds. Viúva de um combatente do Hamas morto pelos israelenses, se casou com outro combatente logo após sua morte. "Eu tenho uma pena em uma mão e uma arma na outra", ela afirma. Prepara suas charges em um escritório do Hamas, trajando o hijab(véu) onde afirma: "Israel me considera uma antissemita radical, mas não sou. Eu apenas não acho que algum dia teremos paz. De jeito nenhum. Nunca". Em 2001 recebeu o prêmio de melhor cartunista do mundo árabe. Suas imagens são contra Israel, tendo sempre a visão de que Israel é o agressor e quase todas suas charges possuem o desenho de uma chave. Essa chave, conforme ela afirma, representa a chave de casa de todos os palestinos que tiveram “suas casas usurpadas em 1948”.



Em janeiro de 2006, foram publicadas 12 charges no jornal dinamarquês *Jyllands-Posten*, retratando o Profeta Maomé em diferentes situações. O jornal alega liberdade de expressão em seu país, porém a comunidade muçulmana alega que o Islã proíbe retratar a imagem do profeta. Como resposta, várias manifestações ocorreram em frente a embaixadas da Dinamarca nos países muçulmanos e outras instituições européias ao longo do mundo muçulmano tendo como consequência mortes, destruição e revoltas. Um jornal do Bahrein publicou uma caricatura com um queijo dinamarquês amoldado como uma Estrela de David numa tentativa de culpar a controvérsia das charges a uma “denominada penetração sionista” na Dinamarca.

Charge de profeta Maomé provoca protestos e ataques (03/02/06)



O site da Liga Árabe-Européia publicou várias caricaturas antijudaicas incluindo uma mostrando Anne Frank(que nos deixou um diário sobre sua vida durante o Holocausto), na cama com Hitler — supostamente numa tentativa de mostrar aos europeus sobre o que pode acontecer quando a liberdade de imprensa não tem censura.

E ainda como consequência, o jornal diário Hamshahri, de grande circulação em Teerã, anunciou um concurso internacional de caricaturas tendo como tema HOLOCAUSTO, mais uma resposta à publicação das caricaturas do profeta Maomé na imprensa européia consideradas anti-islâmicas, informaram funcionários do governo. Segundo o Jornal Al Jazira participaram desse concurso representantes de 61 países sendo selecionadas 228 charges entre as 1.100 charges inscritas. Entre os países com o maior número de participantes consta o Brasil com 21 chargistas. Não foi divulgado o número de charges por país.

Nos jornais existentes no mundo muçulmano, os judeus são representados habitualmente em caricaturas na posição de assassinos que trabalham para arruinar o mundo islâmico e matar os árabes. As caricaturas mostram judeus como nazistas, narizes em forma de ganchos e vestidos de forma estereotipada com chapéus pretos e barbas. As seguintes caricaturas são exemplos do antissemitismo na imprensa muçulmana e árabe, incluindo caricaturas que apareceram tanto antes como durante a recente controvérsia. A agência oficial de notícias do Irã, IRNA, informou que em setembro de 2009 será publicado um livro que terá 52 caricaturas sobre o Holocausto e 108 páginas de texto. Será editado pela Publicações Martyr Shahbazi e pelo movimento islâmico dos estudantes da Universidade de Ciências e Indústria, em Teerã. A Agência de Notícias Fars informou que outra editora de livros didáticos do Irã planeja publicar e divulgar versões em inglês e em árabe de caricaturas e textos satíricos sobre o Holocausto. O livro fala da "grande deformidade histórica" do Holocausto e as edições seriam publicadas numa cerimônia em Teerã, prevista para o dia 27 de janeiro de 2010, presidida pelo presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad e com a presença de um grande número de funcionários do governo, disse Mohammad-Mehdi Hemmati, que está envolvido neste projeto. O Presidente do Irã provocou a indignação do mundo ocidental ao promover uma conferência em Teerã em 2006 com o objetivo de provocar dúvidas sobre o Holocausto no qual seis milhões de judeus foram mortos pelos nazistas.

Enquanto isso, no Brasil, inúmeros chargistas participam desses concursos numa demonstração clara de sua concordância com essas idéias. Carlos Latuff, abertamente pró-palestino e antisemita, não demorou a culpar os "sionistas" pelas mortes de mendigos em São Paulo, em 2007. Quando a polícia paulista levantou a possibilidade de serem membros de quadrilhas neo-nazistas os responsáveis por estes atos, o chargista, que é muito reproduzido por jornais de sindicatos, veículos de esquerda na Internet e afins, lançou uma charge, onde afirma que "O Nazismo já era. A suástica agora é bem outra". O desenho, que para fins de denúncia, segue publicado abaixo, mostra a sombra do agressor na parede formando uma Estrela de David. A charge ainda acusa o móvel do crime de ser o "combate a fome": "O fim da fome em São Paulo".



No concurso promovido pelo Irã, em 2008, cujo tema foi A FAIXA DE GAZA, participaram 42 chargistas representando o Brasil.



Charge apresentada por Carlos Latuff(Brasil) no concurso sobre GAZA

Dessa forma, devemos estar atentos a todas as versões que nos são apresentadas, através dos vários meios de comunicação que temos a nossa disposição e que entram nos nossos lares, nos escritórios, nos lugares de trabalho e avaliar sempre se essas informações, que atendem interesses políticos, econômicos ou sociais devem ser deletadas ou delatadas para que possamos viver num mundo livre de preconceito, racismo e intolerância.

BIBLIOGRAFIA

AUSUBEL, Nathan. *Pictorial History of the Jewish People*. New York: Crown Publishers, Inc., 1963.

BELMONTE. *Caricatura dos tempos*. São Paulo: Melhoramentos/Círculo do Livro, 1982.
Enciclopedia del Holocausto - Jerusalém, E.D.Z Nativ Ediciones – Yad Vashem – 2005

GUTMAN, Israel. *Holocausto Y Memoria*. Jerusalém. Centro Zalman Shazar de Historia Judia- Yad Vashem. 2003.

LIMA, H. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963